

## Hades na *Ilíada*: a formatação da morte no épico homérico

Leandro Mendonça Barbosa<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo possui como intuito uma análise da imagem projetada no épico *Ilíada* acerca da deidade representativa do mundo dos mortos, Hades. Sendo esta obra uma narrativa na qual descreve um cenário de guerra – o último ano da Guerra de Tróia – a morte ronda as personagens e o curso dos diversos Cantos. Destarte, a menção ao nome de Hades ou a figura do deus do mundo subterrâneo não é tão presente como a própria sensação de morte que ronda a obra. Acreditamos que uma divindade sombria e até evitada pelos helenos não condizeria com um épico que exaltava a realeza, os heróis e as figuras abastadas da elite do período homérico. Nossa intenção é perceber a ausência parcial de Hades na *Ilíada*, bem como analisar como Homero representou o deus do submundo e qual o impacto que sua presença causa no curso da narrativa.

**Palavras-chave:** Hades; *Ilíada*; Mito

### Hades en la *Ilíada*: el formato de la muerte en el épico homérico

**RESUMEN:** Este trabajo tiene como objetivo el análisis de la imagen proyectada en la *Ilíada* épica acerca de la deidad del inframundo, Hades. Como este trabajo es un relato que describe un escenario de guerra - el último año de la guerra de Troya - la muerte acecha a los personajes y el curso de varios rincones. Así, la mención del nombre de Hades o la figura del dios del mundo subterraneo no está tan presente como la noción misma de la muerte que persigue a la obra. Creemos que una deidad sombría e incluso evitado por los griegos no asemejaría con un épico que ensalzaba la realeza, los héroes y figuras de la élite adinerada de la época homérica. Nuestra intención es darse cuenta de la ausencia parcial de Hades en la *Ilíada*, así como analizar cómo Homero representaba al dios del mundo subterraneo y el impacto que su presencia hace que en el curso de la narración.

**Palabras clave:** Hades; *Ilíada*; Mito

Assim como o Inferno, o mundo dos mortos grego também possui um soberano: Hades. A divindade é a personificação do mundo dos mortos. Hades, de acordo com Hesíodo, na *Teogonia*, é filho de Cronos e Réia. Irmão de Deméter, Hera, Héstita, Posídon e Zeus, foi, como seus irmãos, engolido por seu pai – à exceção de Zeus – e mais tarde vai lutar ao lado dos outros na guerra contra os Titãs. Na partilha do mundo, Hades fica com o mundo

---

<sup>1</sup> Doutorando em História da Antiguidade Clássica pela Universidade de Lisboa

subterrâneo, e lá é que vai desempenhar as suas funções de deus dos mortos. Apesar de Hades fazer parte da primeira geração dos deuses este é, juntamente com Héstitia, o que menos participa dos mitos. Apesar de toda sua importância, são raras suas aparições nas narrações alegóricas, não é protagonista de nenhuma narrativa, atuado somente em momentos pontuais. Mesmo no *Hino Homérico a Deméter*, onde se lê o rapto de Perséfone por este, a narração está muito mais centrada em Deméter, ou na própria Perséfone, do que em Hades.

Começaremos com a definição de Hades, para propormos a construção cronológica de como o imaginário do deus e do próprio submundo foi permeando o imaginário helênico. Hades é o deus dos mortos, esta é a definição dada por Pierre Grimal (2000) na obra *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Casado com sua sobrinha Perséfone, as versões mais tradicionais afirmam que o relacionamento foi infértil. Seu nome – Ἅιδης – significa “o Invisível” (GRIMAL, 2000, p. 189). Hades recebeu esta denominação por causa do mito da tomada do mundo pelos filhos de Cronos, em que o deus recebe de presente um capacete.

Este elmo Hades recebeu dos Ciclopes uranianos<sup>2</sup>, que ajudaram os jovens deuses na Titanomaquia<sup>3</sup>. Os mortos, eles mesmos, são invisíveis, são:

“cabeças vestidas de noite”, esta noite escura por si só; a faculdade de enxergar e a propriedade de ser visível contrasta-se com o desaparecimento do vivo fora do ambiente luminoso, assim como um indivíduo invisível pela obscuridade da noite (VERNANT, 1990, p. 394).

Hades auxiliou na derrota de seu pai Cronos; invisível, roubou as armas do pai, possibilitando que Zeus o fulminasse com seu raio, também presente dos Ciclopes. Esta questão do invisível, do não visto, faz alusão também a própria ideia do submundo não ser visto pelos homens, ao contrário

---

<sup>2</sup> Criaturas com um olho só, os Ciclopes urânicos eram três: Brontes – trovão, Estéropes – relâmpago – e Arges – raio. São fabricantes dos raios divinos, conhecidos pela força e pelas habilidades manuais; foram libertados do Tártaro – nos quais tinha sido encerrados por Cronos – por Zeus, e os vêm auxiliando-o desde então.

<sup>3</sup> Guerra contra os titãs pelo poder do mundo. Ocorreu após Cronos vomitar todos os seus filhos. Após o término da guerra, os titãs saíram derrotados e foram encerrados no Tártaro, a parte mais profunda e sombria do mundo subterrâneo.

dos outros mundos como terra, mar e Olimpo. Invisível, rico<sup>4</sup>; estes são alguns epítetos para denominar o Senhor do mundo dos mortos:

Vivant toujours au sein d'une nuit épaisse et profonde, à jamais confiné dans un empire d'insondable tristesse, Hadès, coiffé d'un casque qui le rendait invisible, était le sombre roi du royaume des Morts. Son nom seul inspirait l'épouvante, et on l'appelait l'invincible, le farouche, l'intraitable, l'inexorable, l'abominable Hadès. (MEUNIER, 1980, p. 105)

Hades é um deus com uma duplicidade de postura, ao mesmo tempo em que é o deus amigo dos seres humanos, que concedia o alimento do âmago de seu reino, era também o implacável deus que não perdoava os que fossem condenados a uma vida de sofrimentos. Hades, salvo raríssimas exceções, jamais deixava alguém sair do mundo dos mortos.

Traçando um panorama historiográfico, constatamos que a historiografia não se dedicou muito à reflexão dos temas do submundo – tanto relacionado a Hades, como a outras criaturas: Cérbero, Caronte, ou as Eumênides. Lançamos aqui uma provável hipótese para esta lacuna na historiografia: Hades, por ser, de certo modo, um deus temido, não conheceu muitos rituais em homenagem a ele, nem cultos que o homenageassem<sup>5</sup>. A morte, esta sim extremamente ritualizada, era considerada um rito de passagem para os Gregos. Contudo, os rituais fúnebres possuíam estritamente a preocupação no indivíduo morto, e não na divindade que este iria encontrar. Se cultos houve em honra a este deus, relatos não chegaram até nós.

Tampouco Hades possuía edifícios sagrados em sua honra. Enquanto Atena recebeu de Fídias e sua equipe de trabalhadores o monumental Pártenon; Dioniso possuía o teatro; Apolo, Zeus, Poseidon, todos possuíam o seu templo, o deus dos mortos nunca recebeu um espaço sagrado, não que tenhamos notícia. Certamente devido ao receio de ligar-se a Hades, a sociedade helênica não iria orar ou depositar oferendas em um espaço dedicado ao Senhor do submundo. Hades também era um deus que não

---

<sup>4</sup> E ainda existem outros nomes que fazem parte da galeria de eufemismos de Hades. Séchan e Lévêque (1966) colocam que a literatura ajudou muito nestas ambiguidades do nome; dependendo da época em que o documento foi escrito ou o local, o deus era chamado por um nome distinto.

<sup>5</sup> À exceção dos mistérios eleusinos, que também incluíam Hades. Sobre estes mistérios muito se escreveu. Destarte, sobre cultos focados somente na imagem de Hades, ou em outras divindades que habitavam o mundo subterrâneo, não temos descrições.

perdoava e nem era benevolente, pois morte é para todos; o deus não era comovido com oferendas e, devido a isto, não era dedicado a ele altares ou grandes cultos (SCULLION, 1994, p. 93). Um deus que, de certa forma, era mais temido do que o próprio Ares<sup>6</sup>, certamente não poderia ter muitos adeptos (SÉCHAN, LÉVÊQUE, 1966, p. 122). Todavia, conjectura-se que, na cidade de Éfira, o *necromanteion* – Oráculo dos mortos – poderá ter sido utilizado como uma espécie de templo a Hades e sua esposa Perséfone.

Hades não é tão presente nem na própria literatura grega. As mais antigas referências escritas sobre o deus são do século VII a.C., se concordarmos que a *Ilíada* foi escrita neste século. Esta, embora cite o deus em determinados trechos de alguns de seus cantos, não concede a este um papel de destaque; Hades é citado no épico em poucos passos. Já na *Odisséia*, embora o próprio Hades não tenha sido contemplado com muitas referências, o mundo dos mortos é extremamente trabalhado. Podemos afirmar que esta obra é a mais rica e completa, quando da descrição do mundo subterrâneo. Hesíodo, em sua *Teogonia*, narra a genealogia do deus. Também do mesmo autor há uma referência à divindade na obra *O Trabalho e os Dias*, entre os versos 152 a 155. O *Hino Homérico a Deméter* traz a narrativa do rapto de Perséfone pelo fascinado Hades. Ainda há algumas descrições do submundo nos textos teatrais atenienses do período clássico. Aqui, trabalharemos com a *Ilíada*, no intuito de conjecturar como a imagem do deus foi representada em uma obra que retratava guerra e morte.

A genealogia de Hades, se faz indispensável a lembrança, assim como da maioria de outros deuses, é definida somente no final do período homérico. Nos anos anteriores, os deuses não possuíam uma organização pré-estabelecida. É nos poemas homéricos e, sobretudo, nos hesiódicos que os deuses vão receber funções a serem executadas, bem como uma família. Algumas divindades vão tendo as suas designações alteradas e até transformadas em outras, entretanto a essência vai perdurar, inclusive no período romano. Anterior a estes períodos, o que havia eram cultos e adorações a determinados deuses, que eram ritualizados conforme a função

---

<sup>6</sup> Deus da guerra, relacionado à carnificina e ao sangue. Pai das Amazonas – mulheres guerreiras – é a amante da deusa da paixão Afrodite. Diferentemente de Atena, que por vezes é considerada deusa da guerra justa e inteligente, Ares é o deus da guerra sangrenta, aquela que não faz distinção entre culpados e inocentes, sendo o mais importante a batalha.

que desempenhavam para aquele grupo; não havia uma organização quanto ao desempenho divino. Isto acontecia devido a ainda não haver escrita, somente a tradição oral. Com a formação da narrativa mítica é que os deuses passam a ser classificados.

O primeiro documento que iremos analisar, lançando mão de alguns fragmentos, é o poema homérico, confeccionado pelo poeta Homero no século VII a.C., *Ilíada*. No épico, o aedo descreve Hades e seu mundo de uma maneira muito peculiar. É importante lembrar que os épicos *Ilíada* e *Odisséia* foram os primeiros da literatura a fazer menção ao deus – até porque foram praticamente as primeiras obras escritas na região da Península Balcânica, pelo menos que chegaram até nós. De acordo com Daniella Reinhard, em sua tese de doutoramento, Homero cria um mundo invisível e torna visíveis pessoas invisíveis:

Homer creates Hades as a place for man to be when he is invisible to the living eye; by inventing Hades, Homer in effect keeps mortal man visible when he is invisible. Not surprisingly then, Homer describes the souls of the dead in Hades by way of likenesses, comparisons, and likenings to other things, since they are no longer the men who act and fight and win or lose. The poet's natural means are images, figures, similes, and metaphor to describe and make more vivid mere fact or report. A poet's likenesses point to the similarity between disparate things or the disparity between similar things, showing one thing in another. (REINHARD, 2006, p. 54)

Utilizando de metáforas e comparações, Homero não cria um mundo simplesmente; ele também retrata um pouco do mundo enxergado por sua realidade, um mundo de sua sociedade. O relato homérico do mundo subterrâneo reflete o ideal de submundo do período helênico que leva o seu nome.

Vamos à documentação, o poema *Ilíada*, cenário da lendária Guerra de Tróia. Apesar de o épico ter como pano de fundo o acontecimento de uma guerra, cenário de muito sofrimento e, principalmente, mortes, Hades não é tão referenciado. São somente alguns passos em toda a obra que relatam o deus. Certamente no épico, que retratava deuses, não havia um lugar de privilégio a um deus ctônico, com pouca majestade, encerrado em um ambiente obscuro. O canto V, primeiro que iremos tratar, narra uma das batalhas da guerra. O

herói Diomedes<sup>7</sup>, com ajuda de Atena, sobrepõe-se aos outros guerreiros e coloca os Gregos em vantagem. Neste canto existem duas referências ao deus do mundo subterrâneo. A narrativa mais curiosa deste é sem dúvida o fato de o herói ferir Hades, ou seja, um mortal ferindo um deus, uma ousadia tremenda:

Se se tratar de um varão, como penso, o prudente Diomedes,  
não sem auxílio de um deus tantas coisas comete, que se acha  
perto do herói, escondido, sem dúvida, em névoa densíssima,  
e que de pouco o livrou de uma seta que o havia tocado.  
Já lhe mandei uma seta amargosa, que foi atingi-lo  
no ombro direito, furando a couraça na chapa escavada.  
Já me gloriava de o haver enviado para o Hades sombrio,  
Mas foi baldada esperança; é-me hostil um dos deuses, sem dúvida.  
(*Ilíada*, V, v. 184-191)

Esta primeira referência se faz essencial para verificarmos uma ambigüidade: Hades pode ser tanto o nome do deus do mundo dos mortos quanto do local para onde vão as almas após o fim da vida. Quando há o sentimento de glória por ter enviado Diomedes ao Hades, a glória era por ter enviado o herói ao mundo subterrâneo. Esta “confusão”, acreditamos, está relacionada à questão do significado da nomenclatura: “invisível”. O deus é invisível porque veste o capacete que lhe foi dado; o submundo é invisível porque nenhum homem em vida consegue vê-lo – à exceção de alguns heróis. A invisibilidade que o termo “Hades” representa faz com que hora ligue-se ao nome da divindade, hora ao local que ela habita.

Ainda no canto V, temos a seguinte narrativa:

E, porventura, perdera a existência o insaciável guerreiro,  
se Peribéia, a formosa, madrastra dos dois, a ocorrência  
a Hermes houvesse ocultado. Este, a furto livrar ainda pôde  
a Ares exânime quase, que assaz as prisões o abatiam.  
Hera, também, já sofreu quando o herói Anfitriônio no seio  
destro a feriu com uma seta dotada de três farpas ásperas.  
Dor insofrível teve ela de, então, padecer, em verdade.  
Hades, o assombroso, também, sofreu muito, em virtude de um dardo  
por esse mesmo homem forte atirado, de Zeus descendente,  
no próprio sólido dos mortos, causando-lhe dor infinita. (*Ilíada*, V, v. 388-397)

---

<sup>7</sup> Natural da Etólia, é filho de Tideu e Deípila. Companheiro habitual de Odisseu no ciclo troiano.

O herói Anfitriônio desfere flechas e dardos nos próprios deuses, na gana da vitória. Hera<sup>8</sup> é ferida no seio direito, assim como Hades. O “assombroso” é como Hades é caracterizado neste momento. Sabemos que Hades não era uma figura monstruosa; sempre foi representado com forma de um homem maduro, e não se sabe de nenhum mito que retrate o deus como uma criatura assombrosa. Este termo é a representação da morte; Hades concebe a morte, e a morte é assombrosa.

É evidente esta relação no termo “sólido dos mortos”. A morte é abstrata, não se pode pegá-la. Já o deus dos mortos é concreto, está presente naquele momento da guerra e foi efetivamente atingido. Hades é a versão sólida e palpável da morte. No canto IX, Homero nos narra a insatisfação do exército grego ante a decisão de Agamémnon<sup>9</sup>, que se recusa a entregar a sacerdotisa Briseide<sup>10</sup> – feita de escrava – para que Aquiles<sup>11</sup> retorne a lutar ao lado dos gregos. Mesmo com a criação de uma comissão para tentar convencer Aquiles, este se mostra irredutível. Há duas passagens que retratam Hades e, curiosamente, nestas duas passagens ele é colocado ao lado de sua esposa Perséfone. No primeiro fragmento, o deus é caracterizado como “subterrâneo”; também podemos conceber este adjetivo por “ctônio”. O misterioso submundo mostra-se de uma forma cruel, pois o pai amaldiçoou o próprio filho, e foi atendido pelas deusas do mundo inferior, as Erínias, divindades responsáveis por castigar os homens após o julgamento deste:

Obedeci-lhe, alcançando o almejado. Meu pai, quando o soube,  
amaldiçoou-me, e chamou contra mim as odiosas Erínias,  
para que nunca tivesse nos joelhos um neto a brincar-lhe  
de mim nascido; atenderam-lhe a súplica os deuses eternos,  
Hades, o deus subterrâneo, e Perséfone, deusa terrível. (*Ilíada*, IX, 453-457)

---

<sup>8</sup> Irmã e esposa de Zeus, Hera é considerada a deusa do casamento. Ciumenta, as principais narrativas relatam as investidas de Hera contras às desejadas pelo seu marido. Representa a força e a cólera feminina.

<sup>9</sup> Filho de Aérope e Atreu, era o comandante supremo do exército aqueu na Guerra de Tróia. Sua figura é ambígua dentro da literatura. Na própria *Ilíada*, ora é colocado como rei de Argos, ora como rei de Micenas. Em uma tradição mais tardia, seria o rei da Lacedemônia.

<sup>10</sup> Tendo como verdadeiro nome Hipodamia, recebeu este eufemismo devido ao nome de seu pai, Briseu. Foi feita escrava de Aquiles, depois deste matar seu marido Minês.

<sup>11</sup> Filho de Peleu e da ninfa Tétis, Aquiles é o herói épico da *Ilíada*. Os mitos que o envolvem são riquíssimos, e o herói foi venerado em grande parte da Grécia por séculos, sendo também lembrado pelos romanos. Sua mãe banha-o, ainda bebê, no rio Estige – o rio do submundo – o que o tornou invencível. Porém, Tétis o segurou pelo calcanhar, deixando esta parte vulnerável. Daí a expressão utilizada na contemporaneidade: “calcanhar de Aquiles”.



Na outra parte deste mesmo canto, mais uma vez Hades é citado juntamente com sua esposa Perséfone, e desta vez é caracterizado como σκούρο: o “escuro”:

Veze sem conta à alma Terra com a mão percutiu, invocando o nome de Hades escuro e Perséfone, a deusa tremenda posta de joelhos e o seio banhado de lágrimas quentes, para que o filho fizesse morrer. Pelas duras Erínias, que andam nas trevas, desde o Érebo, foi, logo, a súplica ouvida. (*Ilíada*, IX, v. 568-572)

Temos nesta parte algo incomum: Hades foi invocado; a invocação do deus dos mortos, como já relatamos, era evitada pelos homens. Destarte, o desespero fez com que a presença do deus do mundo dos mortos fosse querida. “Hades escuro”, como Homero coloca, tanto se refere ao mundo Hades, onde existe a tremenda escuridão, por se situar na parte debaixo da terra, quanto o deus Hades, que é severo e sempre envolvido em sombras. Perséfone, a “deusa tremenda”, é a única divindade com poder sob Hades; quando sua esposa intervém, o marido atende. Perséfone é a deusa tremenda que intercede pelos homens quando estes se deparam com a morte.

Já no canto XV, temos mais uma citação do deus. Neste canto Zeus intervém a favor dos troianos, depois de ser enganado por sua esposa Hera. Neste momento os Troianos estão em vantagem, pois Heitor<sup>12</sup> teve seus ferimentos curados por Apolo<sup>13</sup>, e se prepara para incendiar o principal navio grego. Aqui é apresentada a mais importante descrição de Hades na obra: Homero, por meio da fala de Poseidon<sup>14</sup>, relata a divisão do mundo entre os três irmãos:

---

<sup>12</sup> Filho de Príamo – rei de Tróia – e Hécuba, Heitor é o principal herói troiano. General que conduz a guerra, também detém o poder supremo na Assembléia e é muito mais ouvido por seu povo do que seu próprio pai.

<sup>13</sup> Filho de Zeus e Latona, é um dos muitos filhos bastardos do deus. Irmão gêmeo de Ártemis, Apólo, sempre representado muito belo, amou tanto mulheres quanto jovens efebos. Era o deus da luz, que leva a clareza e a lucidez aos homens – enquanto seu irmão Dioniso leva a loucura; os dois são antônimos, como branco e preto – e também deus das artes e da música. Exímio tocador de flauta e de cítara, também era guerreiro, manejando com maestria seu arco e sua flecha.

<sup>14</sup> Filho de Cronos e Réia, é o poderoso deus dos mares. Casado com Anfitrite, teve várias outras paixões e filhos. É representado com seu tridente e cercado de criaturas marinhas, algumas com aspectos monstruosos, pois o mar era algo extremamente desconhecido para os gregos, sobretudo no período homérico.



O abalador poderoso, indignado, Ihe disse, em resposta:  
“Céus, que arrogância! Conquanto potente ele seja, é excessivo  
querer, assim, violentar-me, pois temos igual dignidade,  
que três irmãos somos nós, filhos todos de Réia e de Crono:  
Zeus, depois eu, e Hades forte, o terceiro, que os mortos comanda.  
Foi dividido em três partes o mundo, cada um teve a sua.  
Postas em sorte, me coube morar para sempre no reino  
do mar espúmeo; a Hades foram as trevas sombrias entregues  
o vasto Céu, pelas nuvens cercado e pelo éter, a Zeus.  
A terra imensa e o alto Olimpo, em comum para todos ficaram. (*Ilíada*, XV,  
v. 184-193)

A *Teogonia* de Hesíodo é a obra por excelência que trata da criação do mundo sob o prisma da religiosidade grega. Contudo, cremos que nesta parte o autor “bebeu” no relato homérico – pois aqui concordamos com a tese de que a *Ilíada* é anterior a *Teogonia*. A questão da partilha do mundo já era consenso no período homérico, sendo que jamais foi modificada pelo imaginário social helênico. Hades “os mortos comandam”. Percebe-se que, em todas as referências à Hades, ele sempre é associado aos mortos; nunca à morte. Isto porque a morte possuía uma personificação própria: Tanatos. Hades é o comandante dos mortos, não a morte. É aquele que rege as almas que são conduzidas por Hermes ao submundo.

Outra menção ao deus presente na *Ilíada* é a do canto XX. Zeus, após deliberar em conselho, libera os deuses para tomarem partido pelos Gregos ou pelos Troianos como bem entender. Ocorrem diversas batalhas, como a entre Enéias<sup>15</sup> e Aquiles, em que o primeiro quase morre, e é salvo por Poseidon. Nos versos deste canto, está presente um dos eufemismos de Hades:

Do alto troveja, terrível, o pai dos mortais e dos deuses,  
enquanto, embaixo, Poseidon, de escuros cabelos, sacode  
a terra imensa e as excelsas montanhas de picos altivos.  
O Ida de múltiplas fontes treme com todos os vales,  
os altos picos, o burgo dos Teucros e as naus dos Acaios.  
Treme, angustiado, Edoneu, rei dos vastos domínios subterreos,  
e, dando um grito, do trono saltou, receando que a terra  
sobre ele o deus de cabelos escuros, Poseidon, rasgasse,  
escancarando, desta arte, à visão dos mortais e dos deuses,  
seu tenebroso palácio, que até pelos numes é odiado.

---

<sup>15</sup> Filho de Anquises e Afrodite, é um dos mais valentes guerreiros de Tróia e vai tomar a frente da Guerra após a morte de Heitor. Possui toda uma epopéia dedicada para ele: a *Eneida*, de autoria de Virgílio. É considerado patrono de toda uma civilização, pois, junto com os sobreviventes de Tróia, dirigiu-se para Ida e lá fundou uma nova cidade.

Tal o fragor no momento em que os deuses na luta ingressaram. (*Ilíada*, XX, v. 56-66)

A revolta de Poseidon assusta até o deus do submundo, que nesta parte é referido como Edoneu – ou Aidoneus (Αἰδωνεύς). Este é um dos vários epítetos do deus. É uma forma variante de Hades, e etimologicamente também significa “invisível”. Estes eufemismos, utilizados para evitar pronunciar o nome do deus que traz a idéia de trevas, aparece muito nos hinos órficos, já que estes configuravam crenças alternativas à crença dita “oficial”, proliferada pela literatura e, mais tarde, pelo teatro.

O último canto que iremos tomar será o XXIII, no fragmento onde o jovem Pátroclo suplica a seu leal amigo Aquiles que realize os rituais funerários, depois que o efebo é morto por Heitor:

aproximou-se-lhe o espectro do mísero Pátroclo, ao morto em tudo igual, na estatura gigante, nos fúlgidos olhos e no agradável da voz; iguais vestes, também, tinha o espectro. Fica-lhe junto à cabeça e lhe diz as seguintes palavras: “Dormes, Aquiles, o amigo esquecendo? Zeloso eras antes, quando me achava com vida; ora, morto, de mim te descuidas. Com toda a pressa sepulta-me, para que no Hades ingresse, pois as imagens cansadas dos vivos, as almas, me enxotam, não permitindo que o rio atravesse para a elas ajuntar-me. Por isso, vago defronte das portas amplíssimas do Hades. Dá-me tua mão; é chorando que o peço; não mais à tua frente conseguirei retornar, quando o fogo me houver consumido, (*Ilíada*, XXIII, v. 65-76)

Aqui, temos uma evidência clara da importância dos rituais da morte. Enquanto Aquiles e os outros guerreiros não realizassem tal ritual, as cansadas almas não iriam deixar que atravessasse o rio. Percebemos também que a imagem espectral que os Gregos concebiam – o *eídolon* – é exatamente como quando o fantasma estava vivo; até as vestes são as mesmas<sup>16</sup>. Da mesma forma, constatamos que os vivos, como já explanamos anteriormente, outorgavam uma extrema essencialidade ao ritual da morte. Nos versos que seguem, Aquiles, vendo o sofrimento de seu amigo Pátroclo, se lembra que ainda está com o corpo de Heitor, e se preocupa com este fato. O homem, impotente diante da morte, não ousa deixar as tradições, é temente ao que

---

<sup>16</sup> Sarah Iles Johnston (1999) aponta que os helenos tendiam a descrever os fantasmas como sendo ou fuligem preta ou um pálido transparente.

poderia representar a morte sem seu ritual (REINHARD, 2006, p. 64), mesmo se tratando de um grande inimigo.

Walter Otto nos apresenta outra perspectiva: o fato de Pátroclo implorar pelos rituais seria um desejo de adentrar de uma vez no mundo dos mortos, e esquecer-se de seus vínculos em vida (OTTO, 2006, p. 84); o morto, embora fosse visto como um ser deplorável, débil e inerme, também poderia ter um poder que os vivos jamais teriam: a vida – ou semi-vida – eterna. Otto atesta que esta questão é ambígua: apesar de o morto ser inane, os funerais e sacrifícios que eram remetidos a este demonstra o temor que os vivos possuíam em relação ao poder dos mortos (OTTO, 2006, p. 83). A preocupação com o bem estar das almas era na verdade uma preocupação com os próprios vivos, que não desejavam ser incomodados com queixas vindas do além-túmulo.

Importante também é a questão do portão – ou “portas amplíssimas”, como foi colocado por Homero – que cerca o mundo subterrâneo. Esta alegoria não é exclusividade do mundo dos mortos grego. Várias sociedades que também possuem o tronco mítico indoeuropeu também possuem um portão encerrando o submundo; de acordo com J. F. Bierlein (2003), no livro *Mitos Paralelos*, este é o caso do mundo inferior da Babilônia e da Índia. O fogo que consome o corpo sem vida – e isto pode ter influenciado no conceito do inferno judaico-cristão – consome as almas, como forma de consumir também os resquícios de vida que a alma recém chegada ainda carrega.

Embora um deus ctônico já neste período, Hades resumia-se às questões relacionadas à morte e à vivência além-túmulo. A própria divindade Hades nunca aparece na obra, sempre encerrada em seu palácio. Será que Homero evitou narrar a imagem do deus do submundo? O certo é que ainda não podemos traçar uma imagem de Hades por meio do épico. Sabemos somente de como era o seu mundo e do comportamento de algumas personagens que ali habitam. Provavelmente, neste período homérico, as deidades ctônicas, ainda pouco conhecidas pela realeza a que os épicos se dirigiam, acabaram por não ter uma participação relevante nestes, ficando encerradas a poucas menções, todavia suficientes para compreendermos minimamente o imaginário religioso deste período.

## REFERÊNCIAS

- BIERLEIN, J. F. *Mitos Paralelos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- FLORENZANO, Maria Beatriz B. *Nascer, Viver e Morrer na Grécia Antiga*. São Paulo: Atual, 1996.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- \_\_\_\_\_. *L'Illíade*. Trad. Paul Mazon. Paris: Le Belle Lettres, 2002 [edição bilíngue francês-grego]
- JOHNSTON, Sarah Iles. *Restless Dead: Encounters between the Living and the Dead in Ancient Greece*. Berkeley: University of California Press, 1999.
- MEUNIER, Mario. *La Légende Dorée des Dieux et des Héros*. Paris: Albin Michel, 1980.
- OTTO, Walter Friedrich. *Teofania: o espírito da religião dos gregos antigos*. São Paulo: Odysseus, 2006.
- REINHARD, Daniella. *Playing Dead: the poetics of Hades in Homer and Sophocles*. Chicago: The Faculty of the Division of the Humanities, 2006. (Dissertação de Mestrado).
- SCULLION, Scott. "Olympian and Chtonian". In: *Classical Antiquity*. Berkeley: University of California Press, vol. 13, nº 1, 1994, p. 75-119.
- SÉCHAN, Louis; LÉVÊQUE, Pierre. *Les Grandes Divinités de la Grèce*. Paris: Éditions E. de Boccard, 1966.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Pensamento entre os Gregos: estudos de psicologia histórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.